

HISTÓRIAS LINGUÍSTICAS DE SURDOS BILÍNGUES DO PAR LIBRAS-PORTUGUÊS

LINGUISTICS HISTORIES OF BILINGUAL DEAF PEOPLE OF THE PAIR LIBRAS-PORTUGUESE

Giselli Mara Silva⁶⁹

RESUMO: Uma das características de bilíngues é a diversidade de perfis de proficiência e uso das línguas, o que se acentua no caso de surdos, já que as condições de acesso e exposição às línguas são bastante heterogêneas (GROSJEAN, 2008). Essas condições de acesso e exposição às línguas estão ligadas a inúmeros fatores, tais como as questões biológicas que cercam a surdez e as condições sociais, linguísticas e educacionais da pessoa surda. Considerando essa diversidade de perfis, o objetivo deste trabalho é fazer uma descrição de surdos bilíngues do par Libras-português no tocante a aspectos de sua história linguística e seus perfis de proficiência em Libras. A pesquisa baseia-se numa visão de bilinguismo pautada no uso das línguas (GROSJEAN, 2008, por exemplo), bem como em trabalhos sobre o bilinguismo dos surdos (MAYBERRY, 2007; PLAZA-PUST, 2012, 2014, entre outros). O estudo envolveu a aplicação de um questionário on-line para 100 surdos. A análise dos dados aponta que a maioria dos participantes da pesquisa é composta de surdos pré-linguais, pessoas com surdez severa ou profunda e confirma a altíssima variação na idade de contato com a Libras. Os principais contextos de aquisição da língua de sinais foram a escola, seguida das associações e cursos de Libras. A maioria dos participantes tem mais de 7 anos de contato com a comunidade surda. A maioria declarou ótimas habilidades de uso da Libras, com notas de 9 a 10 nas habilidades de sinalizar e compreender a sinalização. O artigo discute implicações da pesquisa para a definição de políticas linguísticas e a necessidade de construção de instrumentos de avaliação objetiva da proficiência em Libras.

Palavras-chave: Bilinguismo dos surdos; histórias linguísticas; idade de aquisição; proficiência em língua de sinais; questionário linguístico.

ABSTRACT: One of the characteristics of bilinguals is the diversity of proficiency profiles and language use, which is accentuated in the case of deaf people, since the conditions of access and exposure to the languages are rather heterogeneous (GROSJEAN, 2008). These conditions of access and exposure to the languages are linked to innumerable factors, such as the biological issues that surround deafness and the social, linguistic and educational conditions of the deaf person. Considering this diversity of profiles, the goal of this study is to produce a description of bilingual deaf people of the pair Libras-portuguese regarding aspects of their linguistic history and their profiles of proficiency in Libras. The research is grounded on an understanding of bilingualism based on the usage of the languages (GROSJEAN, 2008, for example), as well as on studies about the bilingualism of deaf people (MAYBERRY, 2007; PLAZA-PUST, 2012, 2014, among others). The study involved the administration of an online questionnaire to 100 deaf participants. Analysis of the data shows that the majority of the participants is composed of pre-lingual deaf people, people with severe or profound deafness and confirms the high variability in age of exposure to Libras. The main contexts of acquisition of sign language were schools, followed by the associations and Libras courses. Most participants have more than 7 years of contact with the deaf community. The majority declared great Libras usage skills, with grades 9-10 for signing and perceiving signs. This paper discusses the research implications for the definition of linguistic policies and the necessity of creating instruments for the objective assessment of proficiency in Libras.

Keywords: Bilingualism of the deaf; linguistic history; age of acquisition; proficiency in sign language; language questionnaire.

1 Introdução

Uma das características de bilíngues é a diversidade de perfis de proficiência e uso das línguas (GROSJEAN, 1998), o que se acentua no caso de surdos, já que as condições de acesso e exposição às línguas são bastante heterogêneas (GROSJEAN, 2008; PLAZA-PUST, 2014). Essas

⁶⁹ Doutora em Estudos Linguísticos pela Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais - FALE-UFMG. Professora adjunta na área de Libras da FALE-UFMG e no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da mesma instituição.

condições de acesso e exposição às línguas estão ligadas a inúmeros fatores, tais como as questões biológicas que cercam a surdez, como o período de ocorrência e o grau da perda auditiva, além dos aspectos relativos à situação social, linguística e educacional das pessoas surdas, como a língua falada pelos pais em casa, as oportunidades de contato com outras pessoas surdas e o acesso a serviços de saúde e de educação. Essa diversidade de perfis de bilíngues surdos, conforme argumenta Plaza-Pust (2014) clama por uma visão mais flexível de bilinguismo e traz desafios no que tange ao desenvolvimento de pesquisas e de propostas educacionais que atendam efetivamente esses diferentes aprendizes.

Considerando então essa diversidade de experiências dos bilíngues surdos, desenvolvemos uma pesquisa informada por uma visão de bilinguismo mais ampla, em que, além da proficiência, são consideradas também questões relativas às preferências e aos padrões de uso das línguas como um fator-chave para compreender os perfis dos bilíngues (GROSJEAN, 1998, 2008, 2013; LUK; BIALYSTOK, 2013). Essa pesquisa envolveu a elaboração e a aplicação de um questionário linguístico e teve como objetivo descrever os perfis linguísticos dos surdos considerando inúmeras dimensões do bilinguismo, como a história linguística desses bilíngues, sua proficiência, seus padrões de uso das línguas e as atitudes linguísticas (SILVA, 2018a). Neste artigo⁷⁰, pretendemos fazer uma descrição de aspectos relativos à história linguística de surdos bilíngues e aos perfis de proficiência na língua de sinais (LS), buscando contribuir com uma compreensão mais acurada da situação de bilinguismo vivida por eles, especialmente no que tange às condições de acesso às línguas e aos riscos de isolamento ou privação linguística presentes devido a questões biológicas e sociais que cercam a surdez.

Assim, na seção 2, fazemos uma apresentação geral sobre o bilinguismo dos surdos e suas especificidades e tratamos da questão do acesso às línguas e do impacto no fator idade no desenvolvimento da proficiência em LS. Na seção 3, apresentamos o método, descrevendo os participantes e os procedimentos usados para a coleta de dados, especialmente o questionário linguístico. Na seção 4, desenvolvemos a análise dos dados e a discussão dos resultados. Finalizamos o artigo com as considerações finais, refletindo sobre algumas implicações da pesquisa para a definição de políticas linguísticas e a necessidade de construção de instrumentos de avaliação objetiva da proficiência em Libras.

2 O Bilinguismo dos surdos

O Bilinguismo dos surdos é um tipo de bilinguismo de minoria em que se utiliza geralmente a LS da comunidade surda local e a língua majoritária, seja na modalidade escrita e/ ou falada (GROSJEAN, 1992, 2008)⁷¹. Apesar de as comunidades surdas fazerem uso da LS e da língua majoritária ao longo de sua história, a condição de bilinguismo vivida por essas comunidades foi reconhecida somente recentemente (ANN, 2001; GROSJEAN, 2008) em decorrência também do reconhecimento das LS nas pesquisas em Linguística (por exemplo, STOKOE, [1960] 2005).

Grosjean (2008) afirma que visões de bilinguismo mais restritas, pautadas exclusivamente na proficiência dos indivíduos, impedem a compreensão acerca das inúmeras situações de bilinguismo vividas por diferentes pessoas e grupos sociais ao redor do mundo. Esse autor define o bilinguismo como o uso de duas ou mais línguas na vida cotidiana e reafirma a importância de se considerar o bilíngue vai desenvolver a proficiência nas línguas conforme sua história linguística e a necessidade de uso das línguas em diferentes domínios de uso. A partir dessa visão de bilinguismo, pode-se

⁷⁰ Este trabalho é parte da pesquisa de doutorado da autora (SILVA, 2018a), desenvolvida sob orientação do professor Ricardo Augusto de Souza no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Minas Gerais.

⁷¹ Apesar de estarmos focando neste texto numa situação de bilinguismo que envolve uma LS e uma língua majoritária, os surdos e as comunidades surdas podem viver outras situações de bilinguismo. Ver, por exemplo, o trabalho de Morales-López e colaboradores (2002).

perfeitamente compreender os surdos como sujeitos potencialmente bilíngues, que podem adquirir a LS da comunidade surda e a língua majoritária, bem como observar como as histórias desses indivíduos e seus padrões de uso terão impacto no desenvolvimento da proficiência nas línguas. Cabe ressaltar, porém, que o tipo de bilinguismo vivido pela comunidade surda apresenta algumas especificidades relacionadas ao uso de duas línguas de modalidades diferentes e à condição da surdez.

Como se disse na introdução, assim como os bilíngues ouvintes, os bilíngues surdos são bastante diversos, desenvolvendo conhecimentos e usos diversos de suas línguas. Porém, no caso dos surdos, alguns aspectos interferem nessa diversidade, tais como: (i) o nível de perda auditiva - surdez leve, moderada, severa e profunda (cf. revisão de PASSOS, 2009) e o período de ocorrência da surdez, ou seja, se foi antes, durante ou depois do desenvolvimento da linguagem oral⁷²; (ii) o acesso a serviços de saúde, como o tratamento fonoaudiológico; (iii) a língua usada na infância, sendo que os surdos com pais surdos têm oportunidades de aquisição da LS como língua materna; (iii) o tipo de educação, ou seja, o acesso a escolas oralistas ou escolas bilíngues; entre outros (MAYBERRY, 2007; GROSJEAN, 1992, 2008).

Outra especificidade do bilinguismo dos surdos diz respeito aos padrões de uso das línguas e das modalidades envolvidas (sinais, escrita e fala). Por exemplo, os surdos brasileiros podem usar a Libras em interações face a face e também podem escrevê-la devido ao desenvolvimento recente de um sistema de escrita de sinais - conhecido como *SignWriting* que vem, progressivamente, deixando de ser usado somente nos meios acadêmicos (ver, por exemplo, CAPOVILLA; RAPHAEL; MAURICIO, 2012). Os surdos podem também aprender a falar o português, por meio de tratamento fonoaudiológico, e geralmente aprendem a escrita dessa língua quando da entrada na escola. Além disso, os surdos podem usar sistemas de representação manual da língua oral, dando origem a versões sinalizadas das línguas majoritárias⁷³. Além disso, surdos e ouvintes bilíngues de uma LS e uma língua falada desenvolvem padrões de mescla específicos desse tipo de bilinguismo (ver, por exemplo, EMMOREY et al., 2008; QUADROS, 2017).

Finalmente cabe destacar que, mesmo que os surdos tenham oportunidades de aprendizagem da língua oral e façam uso dessa língua no cotidiano, a forma como esse uso tem impacto no desenvolvimento de sua proficiência é bastante diferente de uma pessoa ouvinte. Como explica Grosjean (2008), para os bilíngues surdos, certas habilidades na língua majoritária podem não ser nunca completamente desenvolvidas, como é o caso da produção oral. Além disso, a leitura labial é considerada um meio de comunicação pouco consistente e confortável para os surdos⁷⁴.

2.1 A questão do acesso às línguas

Uma questão altamente sensível para a comunidade surda é o acesso à LS e à língua majoritária, já que cerca de 95% das pessoas surdas nascem em lares ouvintes⁷⁵ onde não se utiliza a LS, mas sim uma língua falada não plenamente acessível para a pessoa surda tendo em conta seu

⁷² Embora haja divergências entre diferentes teorias de aquisição da linguagem, adotou-se uma classificação da surdez em pré-lingual - instalada antes dos 2 anos; peri-lingual, instalada entre 2 e 4 anos; pós-lingual - estabelecida após os 4 anos (DUMONT, 1997 *apud* CARNEIRO, 2011).

⁷³ Ainda que no Brasil o uso desses códigos manuais seja menos comum e menos sistematizado, há o uso do chamado "português sinalizado", que é um sistema artificial que usa o léxico da LS na estrutura sintática do português, bem como sinais inventados para representar elementos gramaticais do português (QUADROS, 1997a; GOLDFELD, 2002).

⁷⁴ "Também outras fontes indicam as poucas possibilidades oferecidas pela leitura labial, considerada 'a menos consistente das possibilidades de comunicação para pessoas surdas. Somente 30% dos sons da língua inglesa são visíveis nos lábios e 50% dos sons são homófonos'. (Gallaudet College, 1984)" (BOTELHO, 1999, p.2).

⁷⁵ Apesar de essa porcentagem ter sido estimada nos Estados Unidos (SCHIEN; DELK, 1974 *apud* MAYBERRY, 2007), é comum que pesquisadores de outros países tomem essa estimativa como referência.

impedimento auditivo. Sendo assim, o acesso dos surdos a essas duas línguas vai depender de medidas apropriadas de suporte (PLAZA-PUST, 2012, 2014). Comparativamente a outros tipos de bilinguismo de minorias, em que a língua da casa pode ser adquirida como primeira língua (L1), a maioria dos surdos não terá a oportunidade de ter a LS como língua materna, já que tem pais ouvintes. Plaza-Pust (2012) explica que as noções de L1 e língua materna são associadas geralmente a critérios de idade (a primeira língua adquirida) e ambiente (a língua da casa), sendo assumido o acesso pleno às línguas. Porém, no caso dos surdos a questão da “acessibilidade” torna-se um critério fundamental na definição de qual língua será considerada a L1 da pessoa surda, já que a LS poderá ser adquirida pelas pessoas surdas por meio da visão, o que não é plenamente possível no caso da língua falada.

Com exceção das crianças surdas filhas de pais surdos sinalizadores, que poderão adquirir a LS como língua materna, para a maioria dos surdos, a aquisição da LS vai se dar quando no ingresso em escolas ou em projetos educacionais onde haja outros surdos ou professores fluentes na LS, ou mesmo mais tardiamente no contato com outras pessoas surdas nos espaços dos movimentos surdos (associações, federações, etc.) ou em outros ambientes (igrejas, por exemplo). Considerando então as questões culturais e biológicas que cercam a surdez, Mayberry (2007) destaca como, diferentemente das crianças ouvintes, as pessoas surdas apresentam uma altíssima variação na idade de início de exposição a sua L1, sendo bastante comum entre os surdos o relato de longos períodos de certo nível de privação ou isolamento linguístico. É comum, inclusive, devido às necessidades comunicativas e à falta de uma língua acessível nos lares ouvintes, que os surdos desenvolvam um sistema gestual individual, chamados de “sinais caseiros”, para se comunicarem com sua família (GOLDEN-MEADOW, 2003 *apud* QUADROS; CRUZ, 2011) e, somente num momento posterior em suas vidas – na adolescência ou mesmo na idade adulta, esses surdos venham a adquirir a LS. Esse atraso na aquisição da L1 terá impacto em vários níveis de desenvolvimento desses indivíduos, inclusive na aquisição e processamento das línguas, como discutiremos mais detalhadamente adiante.

Além da falta de acesso a serviços de atendimento às pessoas surdas ou mesmo o diagnóstico tardio da deficiência auditiva, as situações de atraso significativo na aquisição da L1 vivido pela maioria das pessoas surdas podem ocorrer devido a uma opção inicial dos pais pela aprendizagem da língua oral por meio da fonoterapia, seguindo orientações de profissionais da saúde sem formação na área da LS (QUADROS; CRUZ, 2011). Porém, alguns surdos têm níveis de perda auditiva que não possibilitam um bom desenvolvimento da fala, além do longo tempo demandado para a aprendizagem da fonoarticulação.

Observa-se, com isso, que as escolhas terapêuticas e/ ou educacionais dos pais, na maioria dos casos, são informadas por uma visão clínica da surdez (SKLIAR, 1997) que vê a LS como um instrumento compensador da deficiência auditiva. Somam-se a essa visão clínica, crenças advindas de uma visão equivocada sobre a própria condição de bilinguismo. Como explica Grosjean (2008), devido a uma visão fracionada do bilinguismo – que considera a pessoa bilíngue como dois monolíngues ao invés de concebê-la como um falante com suas próprias características – constantemente sugerem-se consequências negativas do bilinguismo em termos cognitivos e comportamentais. Tal situação se agrava no caso dos surdos, já que, apesar do reconhecimento das LS na Linguística, ainda há muito preconceito em relação ao uso de uma língua espaço-visual associado a uma incompreensão acerca das possibilidades do surdo no desenvolvimento da proficiência em suas duas línguas. Em resposta a esses questionamentos, nos últimos anos, várias pesquisas têm sido conduzidas no sentido de mostrar que o bilinguismo não seria danoso às crianças surdas, mas, ao contrário, traria benefícios no que tange à possibilidade de exposição precoce e natural a uma língua visual, que proveria acesso a estruturas linguísticas abstratas e potencialmente poderia servir de andaime para a aprendizagem subsequente de outras línguas (CRUZ; PIZZIO; QUADROS, 2015; DAVIDSON; LILLO-MARTIN; PICHLER, 2013; MAYBERRY, 2007).

A título de ilustração, é interessante observar o caso das crianças surdas com implante coclear⁷⁶ (IC). Davidson, Lillo-Martin e Pichler (2013) avaliaram os resultados em inglês falado de crianças surdas usuárias de IC, que têm pais surdos, mostrando que essas crianças têm desempenho em inglês comparável ao de crianças ouvintes também filhas de pais surdos em várias medidas (vocabulário, sintaxe, habilidades linguísticas gerais, etc.). Os autores concluem que a exposição precoce à LS (e conseqüentemente, ausência de privação linguística) provê acesso a estruturas linguísticas abstratas que têm o potencial de oferecer benefícios para a aprendizagem posterior de outra língua – no caso, o inglês falado. Os autores reafirmam que não há desvantagem para as crianças com IC na exposição precoce à LS. Também há estudos que focam na relação entre as habilidades em LS e o desenvolvimento de habilidades na língua majoritária escrita. No contexto americano, vários estudos têm apontado uma relação positiva entre habilidades em LS e habilidades de leitura em inglês como L2 (HOFFMEISTER, 2000; STRONG; PRINZ, 2000). Por sua vez, Mayberry (2007) aponta o impacto da exposição precoce à LS no desenvolvimento das habilidades em inglês escrito. No Brasil, um estudo de S. Silva (2016) também traz evidências sobre a relação positiva entre a exposição à LS em ambientes educacionais e o desenvolvimento da compreensão leitora em português no caso de estudantes surdos do ensino médio.

Tendo constatado a importância da aquisição de uma LS pelas crianças surdas em tempo e condições ideais, passemos agora à questão do acesso à língua majoritária, o qual vai ser determinado por várias escolhas e contingências vividas pelas pessoas surdas e suas famílias, inclusive o acesso a serviços de saúde e educação. No caso da língua oral, a exposição vai depender do nível de acesso ao sinal da fala (ORMEL; GIEZEN, 2014), o que está relacionado ao grau de surdez e ao uso de aparelhos de amplificação ou ao uso de implante coclear. O aprendizado efetivo da fala então para muitos surdos vai se iniciar somente com o tratamento fonoaudiológico e sofrerá influência de variados fatores, tais como idade de diagnóstico e de início do tratamento, tipo e grau de surdez, tempo de duração do tratamento, etc. (DELGADO-PINHEIRO; ANTONIO; BERTI, 2010).

No que tange à língua majoritária escrita, o acesso será determinado por questões sociais e educacionais. Plaza-Pust (2012) destaca o papel proeminente que a educação assume no caso dos surdos, sendo importante a reflexão sobre como a educação responde às necessidades linguísticas desses estudantes. Uma questão-chave nesse processo é a aquisição de sistemas de escrita fonográficos sem o conhecimento da língua falada (ver revisão de MUSSELMAN, 2000). No contexto brasileiro, de modo geral, muitos pesquisadores assumem que a criança surda aprenderá a língua escrita por meio da mediação da LS, sem necessidade de desenvolver a oralidade, assumindo a autonomia da língua escrita em relação à fala (por exemplo, FERNANDES, 1999). Mais recentemente, vem-se discutindo também vantagens cognitivas para a criança surda do processo de alfabetização na escrita de sinais para um posterior processo de alfabetização na língua majoritária (por exemplo, QUADROS, 1997b). Porém, na esmagadora maioria dos casos, os estudantes surdos serão alfabetizados em sua L2, o que se converte num desafio para professores e alunos que precisam ensinar/ aprender concomitantemente uma L2 e sua modalidade escrita. É digno de menção a esse respeito que inúmeros trabalhos no Brasil vêm denunciando os baixos níveis de letramento das pessoas surdas (CAPOVILLA; CAPOVILLA; MACEDO 2007; G. SILVA, 2010; S. SILVA, 2016, entre outros).

⁷⁶ “O implante coclear, ou mais popularmente conhecido como ouvido biônico, é um aparelho eletrônico de alta complexidade tecnológica, que tem sido utilizado nos últimos anos para restaurar a função da audição nos pacientes portadores de surdez profunda que não se beneficiam do uso de próteses auditivas convencionais. [...] Assim o implante é que estimula diretamente o nervo auditivo através de pequenos eletrodos que são colocados dentro da cóclea e o nervo leva estes sinais para o cérebro.” (Grupo de Implante Coclear do Hospital das Clínicas da Faculdade de Medicina da USP, s/d) Disponível em: <http://www.implantecoclear.org.br/textos.asp?id=5> Acesso em: 22 de nov. de 2016.

Em relação ao tipo de escola frequentado pelos surdos e a relação com a aprendizagem das línguas, os estudos conduzidos por Capovilla e colaboradores (ver revisão apresentada por CAPOVILLA, 2008) apontam que as escolas especiais, onde os surdos têm contato com outros surdos e professores sinalizadores, são mais eficientes em desenvolver competências em Libras, assim como competências em leitura e escrita em português. S. Silva (2016) também aponta a importância de ambientes educacionais bilíngues que favoreçam a aquisição da Libras e do português escrito e abordem aspectos formais de ambas as línguas.

Como se pode depreender ao longo desta exposição, a partir de seu nascimento, a criança surda pode viver experiências muito diversas de acesso e exposição à LS e à língua majoritária, podendo inclusive passar por privação linguística (MAYBERRY; EICHEN, 1991; GOLDFELD, 2002, entre outros). Com isso, o bilinguismo tem sido reivindicado como um direito das pessoas surdas, considerando a importância de se adquirir em tempo e condições ideais uma L1 e, posteriormente, poder aprender a língua majoritária de seu país. Assim, tendo em conta a importância da idade de exposição à L1 para a pessoa surda, passamos agora a examinar esse fator de forma mais detalhada.

2.1.1 O papel do fator idade no bilinguismo dos surdos

Como se mostrou na seção anterior, os contextos de aquisição da LS e da língua majoritária pelas pessoas surdas são altamente complexos, sendo que os conceitos de L1 e língua materna, assim como os conceitos de língua nativa e não-nativa, podem não ser diretamente aplicáveis sem se considerarem as especificidades do bilinguismo dos surdos (COSTELLO; FERNÁNDEZ; LANDA, 2006; PLAZA-PUST, 2012; ORMEL; GIEZEN, 2014). Uma das principais diferenças dos surdos em relação a outros grupos de bilíngues diz respeito à alta variação na idade de aquisição da L1, sendo encontrados surdos nativos da LS, surdos que adquiriram LS como L1 na infância ou mais tardiamente, e também surdos que adquiriram a LS como L2 (BOUDREAUULT; MAYBERRY, 2006; MAYBERRY; EICHEN, 1991; MAYBERRY, 2007; MORFORD; MAYBERRY, 2000; QUADROS; CRUZ, 2011). Boudreauult e Mayberry (2006), por exemplo, considerando o perfil dos 30 surdos de seu estudo cuja idade de exposição à L1 variou de desde o nascimento até os 13 anos de idade, classificaram os participantes como: (i) aprendizes nativos (*native learners*) – adquiriram a LS desde o nascimento; (ii) aprendizes primevos de L1 (*early learners*) – adquiriram a LS quando matriculados numa escola para surdos entre as idades de 5 a 7 anos; e aprendizes tardios de L1 (*delayed first-language learners*) – adquiriram a LS entre os 8 e 13 anos.

Os estudos que consideram a idade de aquisição da LS como L1 por pessoas surdas têm encontrado fortes efeitos desse fator no que tange à aquisição, ao processamento e à proficiência atingida na L1, bem como ao impacto na aquisição de uma L2 (ver revisão de ORMEL; GIEZEN, 2014, p. 89-90). Esses estudos são uma oportunidade única de discussão dos efeitos do fator idade, considerando os contextos de aquisição da LS e a relação de duas línguas de modalidades diferentes na mente do bilíngue, contribuindo assim para a discussão da Hipótese do Período Crítico na aquisição de L1 e de L2 (MAYBERRY; EICHEN, 1991; MAYBERRY, 2007).

Os estudos pioneiros sobre os efeitos da idade na aquisição de LS como L1 por surdos confirmaram que a idade tem efeitos de longo prazo na compreensão e produção de surdos sinalizadores. Os trabalhos de Newport (1984, 1988, 1990 *apud* MAYBERRY; EICHEN, 1991, p.489), por exemplo, comparam 3 grupos de sinalizadores – nativos, aprendizes primevos e aprendizes tardios, constatando-se que a média de acurácia dos sinalizadores em tarefas de compreensão e produção coincide com as idades de aquisição de forma que os nativos têm melhor desempenho que os aprendizes primevos que, por sua vez, têm melhor desempenho que os aprendizes tardios. O trabalho de Mayberry e Eichen (1991) buscou avançar, questionando a forma como surdos sinalizadores se diferenciam uns dos outros no processamento da linguagem e

concluiu que sinalizadores apresentam padrões específicos de processamento da linguagem conforme a idade na qual foram expostos à LS.

Trabalhos mais recentes sobre o fator idade na aquisição de LS como L1 têm confirmado os fortes efeitos desse fator na aquisição de LS como L1. Boudreault e Mayberry (2006) conduziram um estudo com julgamento de gramaticalidade de sentenças em Língua de Sinais Americana (ASL) com surdos expostos a essa língua em diferentes idades. O estudo apontou que a idade de aquisição exerce forte influência no nível de proficiência em sintaxe, com o nível de acurácia na tarefa declinando com o aumento da idade de contato com a LS. Já o trabalho de Morford e Mayberry (2000) reexamina o papel da “exposição precoce” (*early exposure*) no caso dos surdos, destacando, por meio de ampla revisão da literatura na área de aquisição de línguas faladas e LS, como a exposição ao sistema linguístico, seja visual ou auditivo, no primeiro ano de vida proporciona o desenvolvimento inicial do sistema fonológico que vai ter impacto em outros níveis do desenvolvimento do sistema linguístico, como o sistema léxico-semântico e o morfossintático. No Brasil, Quadros e Cruz (2011) apresentaram os resultados de seu estudo experimental com a aplicação do Instrumento de Avaliação de Língua de Sinais (IALS), cujo objetivo foi avaliar o desenvolvimento da linguagem em crianças surdas, e concluíram que a idade de exposição à LS tem impacto no desenvolvimento da linguagem expressiva e compreensiva dos surdos.

Além da discussão dos efeitos de idade na aquisição da LS como L1, os estudos têm discutido questões relativas aos efeitos da idade na aquisição de L2 por pessoas surdas (ver revisão de MAYBERRY, 2007). Mayberry e Lock (2003 *apud* MAYBERRY, 2007) testaram se o atraso na aquisição de L1, no caso a ASL, afeta também os resultados alcançados na aprendizagem de uma L2, o inglês. Tendo como grupo controle nativos do inglês, esses pesquisadores analisaram a *performance* de 3 grupos de aprendizes de inglês como L2 com perfis próximos no que tange à idade de exposição ao inglês, a saber: (1) surdos nativos de ASL; (2) surdos com aquisição tardia da ASL; (3) aprendizes ouvintes. Foi realizado um experimento com julgamento de gramaticalidade de sentenças do inglês. Os resultados apontaram alta convergência dos grupos 1 e 3 no desempenho da tarefa. Mesmo com as diferenças radicais das experiências linguísticas precoces dos surdos nativos de LS e dos ouvintes, eles têm em comum o período de aquisição de sua L1, que ocorreu no início da infância. Porém, quando se compara o desempenho desses dois grupos com o desempenho do grupo 2, que teve aquisição tardia de ASL, este apresenta desempenho significativamente inferior. Esses estudos e outros sumarizados por Mayberry (2007) apontam que idade de exposição à L1 é um fator crítico nos resultados a serem obtidos na aquisição de L1, sendo que o atraso na aquisição de uma L1 acessível ao surdo leva à aquisição incompleta de todas as línguas adquiridas subsequentemente.

3 Método

3.1 Participantes

Os participantes desta pesquisa são pessoas surdas, com escolaridade mínima de Ensino Fundamental, com idades entre 17 e 71 anos, sendo que a maioria dos respondentes tem entre 25 e 37 anos. Por meio da plataforma *Google Drive*, foram recebidas 117 respostas, e inicialmente foram eliminadas 17 devido a respostas repetidas e incoerentes. A análise dos dados foi realizada a partir das respostas de 100 participantes, sendo 65 do sexo feminino e 35 do sexo masculino. Foram recebidas respostas de surdos residentes em 15 estados do Brasil. Em relação à ocupação profissional, 60% dos participantes declararam atuar no ensino de Libras, como instrutor ou professor de Libras. No tocante à escolaridade, 33 pessoas declararam ter ensino médio completo, 28, ensino superior completo. Houve também participação de 39 surdos com nível de pós-graduação, sendo 31 participantes com especialização, 7 com mestrado e 1 com doutorado.

Como se pode observar, os respondentes de nossa pesquisa foram pessoas surdas com escolaridade mais alta, o que não corresponde à realidade vivenciada pela comunidade surda que tem problemas no acesso à educação, especialmente ao ensino superior. Tal perfil de participantes é comum em pesquisas com questionários on-line, que tem a vantagem de alcançar um maior número de participantes em diferentes regiões, mas também traz impactos no perfil socioeconômico dos respondentes (WILSON, R.; DEWAELE, 2010) especialmente ao se considerar que o uso de certas ferramentas digitais como o questionário exige algum nível de letramento digital e acesso à internet. O nível de escolaridade dos participantes também pode ter-se delineado devido às formas de divulgação do questionário na rede de contatos da autora, bem como em páginas e e-mails de cursos de Letras-Libras.

3.2 Coleta de dados

Para a coleta de dados, foi utilizado o Questionário Linguístico para Surdos Bilíngues (QLSB)⁷⁷ (SILVA, 2018a, 2018b), desenvolvido para avaliar o perfil linguístico de surdos bilíngues do par Libras-português, especialmente os perfis de dominância linguística. Seguindo a proposta de Birdsong et al. (2012), cujo questionário é organizado em módulos contemplando diversas dimensões do bilinguismo, o QLSB é constituído por 31 itens divididos em 4 módulos, a saber: história linguística, uso das línguas, proficiência autoavaliada e atitudes linguísticas. O QLSB é um questionário bilíngue, com os itens apresentados por meio de vídeo em Libras e seguidos pelo item correspondente em português, como ilustrado na figura 1.

Figura 1- Item 1 do QLSB



1) Seu pai e sua mãe são surdos ou ouvintes? *

- a) Os dois são surdos.
- b) Os dois são ouvintes.
- c) Um é surdo, e o outro é ouvinte.

Fonte: SILVA (2018a)

⁷⁷ O questionário está disponível no seguinte link <https://goo.gl/forms/XzyTBwrPb9MqNLIN2> e pode ser usado por outros pesquisadores.

O questionário foi hospedado na Plataforma *Google Drive* e foi divulgado por meio de e-mails e de redes sociais, especialmente por meio da rede de contatos da autora deste trabalho. O questionário ficou disponível durante 3 meses no ano de 2017 para o acesso e participação dos respondentes. Neste artigo, apresentamos: (i) os dados relativos ao módulo de proficiência linguística, especialmente o item relativo à Libras; e (ii) os dados coletados com todos os itens do módulo da história linguística, que é uma dimensão da experiência bilíngue extremamente importante para a comunidade surda, como explicamos anteriormente. No quadro 1, apresentamos a versão em português do módulo sobre a história linguística dos participantes.

Quadro 1 – Módulo História Linguística

MÓDULO 1 – HISTÓRIA LINGUÍSTICA
<p>1. Seu pai e sua mãe são surdos ou ouvintes? Marque uma opção. a) Os dois são surdos. b) Os dois são ouvintes. c) Um é surdo, e o outro é ouvinte.</p> <p>2. Você começou a ter contato com surdos e com a Libras em qual idade?</p> <p>3. Onde e como você aprendeu Libras? Marcar o que você considera como principal contexto de aquisição. a) Em casa, no contato com familiares surdos. b) Na escola, com colegas e professores surdos. c) Na escola, com colegas surdos. d) Fora da escola, em projetos de educação bilíngue para crianças surdas. e) No contato com surdos em associações, federações, etc. f) Em cursos de Libras. g) Outros.</p> <p>4. Há quantos anos você tem contato constante com a comunidade surda usuária da Libras? Escrever o número de anos. Exemplo: 5 anos/ 7 anos.</p> <p>5. Nos primeiros anos do Ensino Fundamental- de 1ª a 4ª série, você estudou em que tipo de escola? Escolher uma opção que melhor descreve sua situação. a) Numa escola especial para surdos. b) Numa escola especial para crianças com deficiência. c) Numa escola comum com intérprete de Libras, com muitos alunos surdos. d) Numa escola comum com intérprete de Libras, onde você era o único surdo. e) Numa escola comum sem intérprete de Libras, onde você era o único surdo. f) Outros.</p> <p>6. Em que idade você ficou surdo? Se você nasceu surdo, escrever 0.</p> <p>7. Conforme testes de audiometria, indique seu grau de perda auditiva (grau de surdez) no ouvido esquerdo. a) Leve b) Moderada c) Severa d) Profunda</p> <p>8. Conforme testes de audiometria, indique seu grau de perda auditiva (grau de surdez), no ouvido direito. a) Leve b) Moderada c) Severa d) Profunda</p> <p>9. Você usa aparelho auditivo todos os dias? a) Sim b) Não</p> <p>10. Você tem implante coclear? a) Sim b) Não</p> <p>11. Por quanto tempo você frequentou o atendimento fonoaudiológico? Escrever o número de anos ou meses.</p>

Esse módulo visou capturar:

(i) *por meio dos itens 1, 2, 3, 6, 7 e 8* – as informações que indicam a possibilidade de adquirir Libras ou português como língua materna ou nativa, tais como o status auditivo dos pais, a idade

de contato com a LS, o principal contexto de aquisição da LS, o período de ocorrência e o grau da perda auditiva (COSTELLO; FERNÁNDEZ; LANDA, 2006; GROSJEAN, 1992, 2008; MAYBERRY, 2007, entre outros);

(ii) *por meio dos itens 2, 3, 5* - dados concernentes à aquisição da Libras, tal como a idade de início da aquisição e os contextos onde se deu o contato, inclusive os contextos educacionais, já que a escola tem sido considerada um lugar privilegiado de contato com a LS, com destaque para a idade de início de aquisição (BOUDREAU; MAYBERRY, 2006; COSTELLO; FERNÁNDEZ; LANDA, 2006; GROSJEAN, 1992, 2008; PLAZA-PUST, 2012; MAYBERRY; EICHEN, 1991; MAYBERRY, 2007; MORFORD; MAYBERRY, 2000; QUADROS; CRUZ, 2011);

(iii) *por meio do item 4* - dados relativos ao tempo de contato com a comunidade surda, já que o tempo de contato tem sido um indicador usado na seleção de participantes com perfis próximos aos de nativos (MATHUR; RATHMAN, 2006 *apud* COSTELLO; FERNÁNDEZ; LANDA, 2006);

(iv) *por meio dos itens 6, 7, 8, 9, 10 e 11* - dados relativos ao tipo e ao grau de surdez (GROSJEAN, 1992, 2008), bem como ao uso de próteses ou implante coclear e ao tratamento fonoaudiológico.

4 Análise dos dados

Nesta seção, inicialmente apresentamos os dados relativos à história linguística dos participantes na subseção 4.1, seguidos da síntese e discussão dos resultados. Na segunda subseção - 4.2, apresentamos os dados relativos à proficiência linguística em Libras, seguidos também de uma discussão dos resultados.

4.1 História linguística dos participantes

Em relação à idade de ocorrência da surdez, dos 100 participantes, somente 94 respostas puderam ser analisadas. Na tabela 1, observa-se que a idade média de ocorrência da surdez é de aproximadamente 2 anos; nota-se ainda que a grande parte das pessoas ficou surda nos primeiros anos de vida, sendo que aproximadamente 50% dos entrevistados nasceram com surdez, e 75% ficaram surdos até os 2 anos de idade. No tocante ao grau de perda auditiva, pela tabela 2, observa-se que 64 participantes relataram ter surdez profunda nos dois ouvidos; 15 relataram ter surdez profunda num ouvido e severa no outro; e 12 participantes relataram ter surdez severa nos dois ouvidos; o restante dos participantes relataram perdas auditivas mais brandas. Dos 100 participantes, 64 relataram não usar aparelho auditivo no cotidiano; e 91 relataram não ter implante coclear. Em síntese, a maioria dos participantes é composta de surdos pré-linguais, pessoas com surdez profunda ou severa, e que não fazem uso de tecnologias voltadas à percepção auditiva.

Tabela 1 - Idade de ocorrência da surdez

Variável	n	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Q1	Mediana	Q3	Máximo
Idade de ocorrência da surdez	94	1,8	4,2	0,0	0,0	0,2	2,0	31,0

Tabela 2 - Grau de perda auditiva nos dois ouvidos

Ouvido Esquerdo	Ouvido Direito				Total geral
	Leve	Moderada	Severa	Profunda	
Leve				1	1
Moderada	1		1	1	3
Severa		3	12	8	23
Profunda		2	7	64	73
Total geral	1	5	20	74	100

Em relação ao tempo de tratamento fonoaudiológico, pela tabela 3, observa-se que a maioria das pessoas fez dois anos de tratamento ou mais, e metade dos respondentes fez mais de 5 anos de tratamento. Considerando-se que a maioria dos participantes tem idades entre 25 e 37 anos, pode-se imaginar que havia, em seu processo de escolarização, forte prevalência de abordagens oralistas, sendo que, mesmo os surdos que não tinham condições financeiras para tratamento fonoaudiológico particular, frequentaram a terapia fonoaudiológica em escolas ou outras instituições.

Tabela 3 - Anos de tratamento fonoaudiológico

Variável	n	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Q1	Mediana	Q3	Máximo
Anos de tratamento fonoaudiológico	85	6,3	5,0	0	2,0	5,0	10,0	19,0

Conforme se mostra na tabela 4, do total de 100 respondentes, 88 são filhos de pessoas ouvintes, 5 são filhos de pessoas surdas, e 7 tinham ou mãe ou pai surdo. Assim, no caso deste estudo, 88% dos surdos são filhos de pais ouvintes, e 12% têm pelo menos um dos pais surdo. Tal resultado se aproxima da estimativa utilizada amplamente na literatura de 90% a 95% de surdos filhos de pais ouvintes e de 5 a 10%, de pais surdos.

Tabela 4 - Condição auditiva dos pais

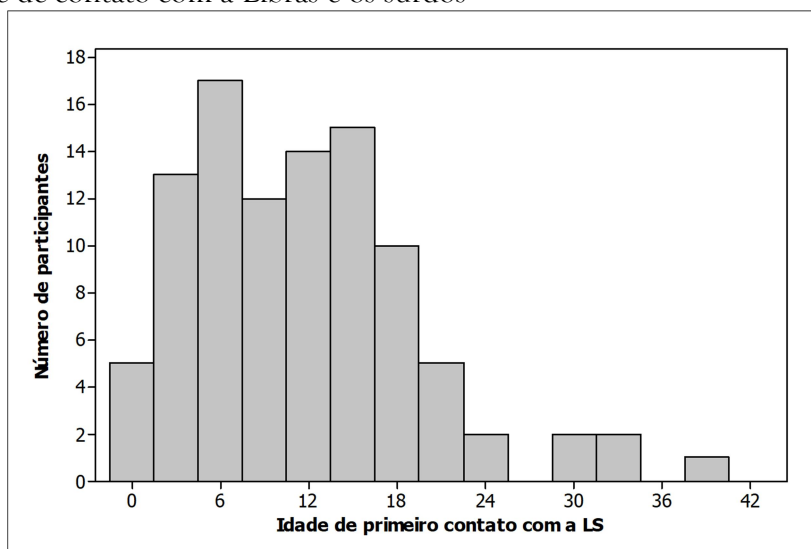
Condição auditiva dos pais	n
Os dois são ouvintes.	88
Os dois são surdos.	5
Um é surdo, e o outro é ouvinte.	7
Total geral	100

Além da condição auditiva dos pais, outro importante fator da história linguística dos participantes surdos é a idade de contato com a LS e os surdos. Pela tabela 5, observa-se que 75% dos indivíduos tiveram contato com Libras a partir dos 6 anos de idade. A idade média de contato é de aproximadamente 12 anos, com desvio padrão de 7 anos. A idade máxima observada é de 40 anos. Como se pode observar pela tabela 5 e o gráfico 1, os dados dos participantes deste estudo confirmam a altíssima variação na idade de contato com a LS, bem como a tendência de contato tardio.

Tabela 5 - Idade de primeiro contato com a Libras e os surdos

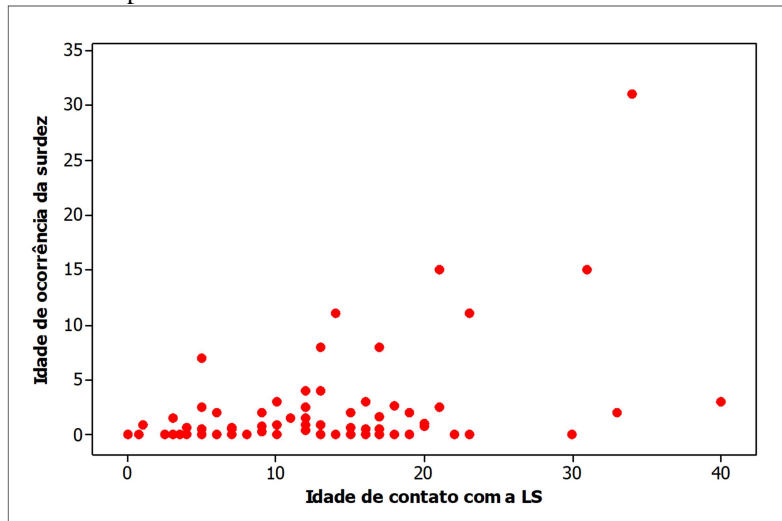
Variável	n	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Q1	Mediana	Q3	Máximo
Idade de primeiro contato	98	11,7	7,8	0,0	6,0	11,0	16,0	40,0

Gráfico 1 - Idade de contato com a Libras e os surdos



Para observar se há ou não uma relação entre idade de ocorrência da surdez e a idade de contato com a LS, apresenta-se abaixo o diagrama de dispersão entre as variáveis *idade de contato com a Libras* e *idade de ocorrência da surdez* (gráfico 2). Não se observa um padrão de relação visível entre as duas variáveis. É importante destacar que, mesmo os que ficaram surdos no período pré-lingual, apresentam altíssima variação de contato com a LS, o que pode indicar riscos de privação linguística.

Gráfico 2 - Diagrama de dispersão - idade de contato com a LS e idade de ocorrência da surdez



O item do questionário sobre a idade de contato com a Libras e com os surdos era uma questão aberta, o que possibilitou que alguns surdos respondessem de diferentes formas, inclusive sem indicar numericamente a idade. Tais detalhes relatados pelos respondentes nos apontam outras circunstâncias de acesso dos surdos à LS. Alguns participantes relataram o uso de sinais caseiros ou gestos num primeiro contato com outros surdos para, somente na adolescência, ter contato com a LS. Veja os exemplos de dois participantes: o respondente 24 relatou que usava sinais caseiros com sua irmã, e somente aos 16 anos teve contato com os surdos - “Eu aprendi Libras com surdo quando tinha 16 anos de idade mas antes tava língua de sinais caseira com minha irmã é surda”. Já o respondente 60 não tem irmãos surdos, mas relatou algo semelhante: “Desde criança já tive contato com surdos, mas não teve LIBRAS, apenas gestos. Aos 16 anos descobri LIBRAS com surdos. Aos 21 anos, voltei para comunidade surda, aperfeiçoei LIBRAS com maior parte de contato com surdos.” Em ambos os casos, consideramos a idade de 16 anos como início de contato com a LS e a comunidade surda.

Em síntese, pelos dados apresentados, confirma-se a altíssima variação na idade de contato com a LS, sendo que a maior parte dos participantes teve contato com a Libras tardiamente, a partir dos 6 anos de idade, podendo ter corrido riscos de privação linguística.

Em relação ao principal contexto de aquisição da Libras, como se pode ver na tabela 6, os principais contextos apontados foram: “Na escola, com colegas surdos”, indicado por 29 participantes; “No contato com surdos em associações, federações, etc.”, indicado por 16 respondentes; “Em cursos de Libras”, marcado por 16; e “Na escola, com colegas e professores surdos”, marcado por 11 respondentes. No caso dos participantes que marcaram a opção “outros”, foram indicados outros contextos ou a combinação dos elencados nas opções do questionário. Alguns surdos relataram o contato com outros surdos em espaços diversos, dando mais detalhes sobre as formas de contato, como, por exemplo: (i) participante 60 - “Na Igreja; na associação dos surdos; no curso de LIBRAS; no curso de capacitação para instrutor de LIBRAS; no contato com surdos.”; (ii) participante 33 - “No contato com surdos em Associação e curso de Libras”; (iii) participante 53 - “na escola, com colegas, com amigos e salão do reino das testemunhas

de jeová em araras-sp”. Outro contexto de aquisição relatado por 4 surdos (participantes 2, 18, 36, 48) foi o trabalho. Em suma, a escola realmente se constitui como um espaço importante de contato com a Libras e os surdos, indicado pelo total de 40 participantes, sendo que também se destacaram os espaços de associações e federações bem como os cursos de Libras.

Tabela 6 - Contextos de aquisição da LS

Principal contexto de aquisição da Libras	n
Em casa, no contato com pessoas surdas da família.	9
Em cursos de Libras.	16
Em projetos de educação bilíngue para crianças surdas.	2
Na escola, com colegas surdos e professores surdos.	11
Na escola, com colegas surdos.	29
No contato com surdos em associações, federações, etc.	16
Outros	17
Total geral	100

No tocante ao principal tipo de escola frequentada nas primeiras séries do Ensino Fundamental (de 1ª a 4ª série ou, na denominação atual, de 2º a 5º ano), analisamos somente os casos de pessoas que ficaram surdas com 8 anos de idade ou menos, por considerar que as pessoas que ficaram surdas com 9 anos ou mais, muito provavelmente, frequentaram escolas comuns na maior parte dessa etapa do Ensino Fundamental. Sendo assim, consideramos o total de 87 participantes que ficaram surdos com menos de 9 anos de idade. Conforme se vê na tabela 7, destacam-se três tipos de escolas: escolas sem intérprete de Libras e sem colegas surdos, frequentadas por 46 surdos (52,9%); escolas especiais para surdos frequentadas por 19 respondentes (21,8%); e escolas para crianças com deficiência, frequentadas por 7 (8%) respondentes. Apesar de não podermos fazer afirmações mais consistentes sobre a situação de acesso dos surdos à LS e ao português, uma grande parte de respondentes estudando em escolas comuns, sem intérpretes e sem colegas surdos, aponta para a questão das prováveis dificuldades de acesso à LS vivenciadas por esses surdos nos primeiros anos de escolarização, dada a falta de contato com professores ou com pares surdos para a aquisição da LS nas interações sociais.

Tabela 7 - Tipo de escola frequentada de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental

Tipo de escola - 1ª a 4ª série do Ens. Fundamental	n	%
Numa escola comum com intérprete de Libras, com muitos alunos surdos.	5	5,7
Numa escola comum com intérprete de Libras, onde você era o único surdo.	2	2,3
Numa escola comum sem intérprete de Libras, onde você era o único surdo.	46	52,9
Numa escola especial para crianças com deficiência.	7	8,0
Numa escola especial para surdos.	19	21,8
Outros	8	9,2
Total geral	87	100,0

Na tabela 8, apresentamos as estatísticas descritivas relativas aos anos de contato com a comunidade surda. Observa-se que o tempo médio de contato são 16 anos, com desvio padrão de cerca de 10 anos. A maioria dos participantes tem 7 anos e meio ou mais de contato com a comunidade surda; e 50% dos participantes têm 15 anos ou mais de contato com a comunidade. Os dados relativos aos anos de contato com a comunidade surda apontam para um perfil de respondentes com longo tempo de exposição à LS.

Tabela 8 - Anos de contato com a comunidade surda

Variável	n	Média	Desvio Padrão	Mínimo	Q1	Mediana	Q3	Máximo
Anos de contato com comunidade surda	93	16,3	10,5	0	7,5	15,0	21,5	60,0

4.1.1 Síntese e discussão dos resultados

Em síntese, a maioria dos participantes da pesquisa é composta de surdos pré-linguais, pessoas com surdez severa ou profunda, e que não fazem uso de tecnologias voltadas à percepção auditiva. Confirma-se a altíssima variação na idade de contato com a LS, sendo que a maior parte dos participantes tem pais ouvintes e teve contato com a Libras tardiamente. Os principais contextos de aquisição da LS foram a escola, seguida dos espaços das associações e cursos de Libras. A maioria dos participantes tem 7 anos e meio ou mais de contato com a comunidade surda; e 50% dos participantes tem 15 anos ou mais de contato com a comunidade. Em relação ao tratamento fonoaudiológico, a maioria fez no mínimo 2 anos de tratamento.

Tendo em conta o impacto do fator idade de início de aquisição amplamente reportado na literatura (BOUDREAUULT; MAYBERRY, 2006; MAYBERRY; EICHEN, 1991; MAYBERRY, 2007; MORFORD; MAYBERRY, 2000; QUADROS; CRUZ, 2011, entre outros), iniciamos discutindo este fator e as condições de exposição dos surdos à LS. Juntamente com outros fatores, os dados sobre início de exposição podem nos informar sobre as possibilidades de aquisição de Libras como L1 ou de português como L1 e também sobre riscos de privação linguística. Inicialmente, pode-se se aproximar de uma quantidade de surdos que correram algum risco de privação linguística ao considerar simultaneamente os seguintes critérios: (i) participantes que ficaram surdos antes dos 4 anos de idade; (i) com surdez severa ou profunda nos dois ouvidos; (ii) com contato inicial com a LS a partir dos 8 anos de idade. Na nossa amostra com um total de 98 que responderam o item 2, identificamos um número de 45 respondentes (46%) que respondem a esses três critérios, o que é digno de menção considerando o impacto desastroso da privação linguística para o desenvolvimento infantil.

No tocante ao status de nativo ou de aprendiz de L1, partindo da classificação usada por Boudreault e Mayberry (2006) e considerando a condição auditiva dos pais, idade de contato com a LS, bem como a idade de ocorrência da surdez e o grau de perda dos participantes, propomos uma classificação dos surdos que adquiriram a LS como L1, incluindo a categoria “quase nativos”. Apresentamos tal classificação no quadro 2, indicando as características dos participantes de cada categoria, bem como os itens do QLSB correspondentes e o número de participantes que se enquadraram nas categorias.

Quadro 2 – Perfis de surdos quanto à idade de aquisição de Libras como L1

Perfil	Características	Itens do questionário	Número de participantes
<i>Nativos</i>	- Adquiriram LS antes de 1 ano; - Têm pais surdos.	Item 1 Item 2	4
<i>Quase nativos</i>	- Adquiriram LS até 3 anos e 11 meses.	Item 1	10
<i>Aprendizes primeiros de L1 (early learners)</i>	- Adquiriram LS entre 4 anos e 7 anos e 11 meses; - Ficaram surdos antes dos 3 anos de idade. - Têm surdez severa ou profunda.	Item 2 Item 6 Itens 7 e 8	20
<i>Aprendizes tardios de L1 (delayed first-language learners)</i>	- Ficaram surdos antes dos 3 anos de idade; - Adquiriram a LS entre 8 anos de idade e 12 anos de idade; - Têm surdez severa ou profunda.	Item 2 Item 6 Itens 7 e 8	13
			TOTAL: 47

Somente quatro participantes tinham pais surdos e também indicaram que adquiriram LS antes de 1 ano de idade, sendo considerados nativos da Libras. Ao contrário do que esperávamos, alguns participantes, apesar de terem pais surdos, indicaram que iniciaram o contato com a LS e a comunidade surda mais tardiamente – isso pode ter sido resultado do fato de não termos especificado na questão a condição dos pais como usuários ou não de LS. No caso dos surdos considerados quase nativos, contabilizamos 10 participantes. Desses 10, 2 são filhos de pais surdos e indicaram o início de contato aos 3 anos de idade; o restante são filhos de ouvintes, e a maioria iniciou o contato aos 3 anos de idade em escolas. Além dos participantes nativos ou quase nativos, contabilizamos também 20 participantes que podem ser considerados como aprendizes primeiros de L1: a maioria deles nasceram surdos e tiveram o primeiro contato com a LS em escolas. Identificamos ainda 13 participantes que foram considerados aprendizes tardios de L1, sendo que a maioria indicou que teve contato com a LS na escola.

Entre os participantes desta pesquisa, também há 10 surdos que adquiriram a Libras como L2, tendo adquirido o português antes da perda auditiva. Para esses participantes, considerando a idade de perda auditiva e de aquisição da LS, propomos as seguintes categorias – aprendizes primeiros de L2 e aprendizes tardios de L2, como detalhamos no quadro 3. 2 participantes foram considerados aprendizes primeiros de L2, sendo que 1 participante teve contato na escola, com colegas surdos e 1 em projetos de educação bilíngue para crianças surdas. 8 participantes foram considerados como aprendizes tardios de LS como L2, tendo adquirido LS na adolescência ou na idade adulta (idade mínima de 13 anos e máxima 34 anos), no contato com surdos em associações, federações, em cursos de Libras, etc.

Quadro 3 – Perfis de surdos quanto à idade de aquisição de Libras como L2

Perfil	Características	Itens do questionário	Número de participantes
<i>Aprendizes primeiros de L2</i>	- Ficaram surdos com 4 anos de idade ou mais; - Adquiriram LS até os 12 anos de idade.	Item 2 Item 6	2
<i>Aprendizes tardios de L2</i>	- Ficaram surdos com 4 anos de idade ou mais; - Adquiriram a LS depois de 12 anos de idade.	Item 2 Item 6	8
			TOTAL: 10

Conforme se pode observar nos quadros 2 e 3, pelos critérios estabelecidos, conseguimos delinear o perfil de 57 participantes como aprendizes de Libras como L1 ou como L2. A princípio, os outros 43 participantes não se enquadraram nos critérios estabelecidos, sendo que as informações obtidas com o questionário não nos permitiram fazer maiores afirmações sobre o perfil desses participantes quanto aos aspectos da aquisição de Libras como L1 ou como L2, tendo em conta a natureza complexa das questões biológicas e sociais que cercam a surdez. Muito provavelmente, os perfis dos respondentes desta pesquisa são tão diversos quanto os apontados por Plaza-Pust e Morales-López (2008) no trecho abaixo.

O *continuum* de perfis linguísticos encontrados entre bilíngues surdos variam desde a aquisição de uma ou as duas línguas como língua materna, a aquisição de uma das duas línguas como segunda língua, uma aquisição parcial de uma ou de ambas as

línguas até somente uma aquisição rudimentar de uma ou ambas as línguas. (PLAZA-PUST; MORALES-LÓPEZ, 2008, p. 336)⁷⁸

Conforme explicam essas autoras, as razões para esta variação são diversas, tais como a idade em que se deu a perda auditiva, o grau dessa perda, a idade de exposição às línguas, o status auditivo dos pais e, de forma muito significativa, a escolarização.

4.2 Proficiência autoavaliada

Os participantes avaliaram suas 4 habilidades em Libras por meio de uma escala de zero a dez. Pelo gráfico 3, observa-se que as variáveis relativas às habilidades de “sinalizar” e “compreender a sinalização” têm distribuições muito semelhantes. Ainda, a correlação de Spearman entre essas duas variáveis é de 0,76 (p-valor = 0,00), mostrando forte relação entre as duas respostas. O mesmo pode ser observado para as variáveis “ler escrita de sinais” e “escrever em escrita de sinais”. Ambas as variáveis têm distribuições muito similares (gráfico 3 e tabela 9). A correlação de Spearman entre essas duas variáveis é de 0,87 (p-valor = 0,00) indicando, também, forte relação entre ambas.

Gráfico 3 - Boxplot para habilidades autodeclaradas em relação à Libras

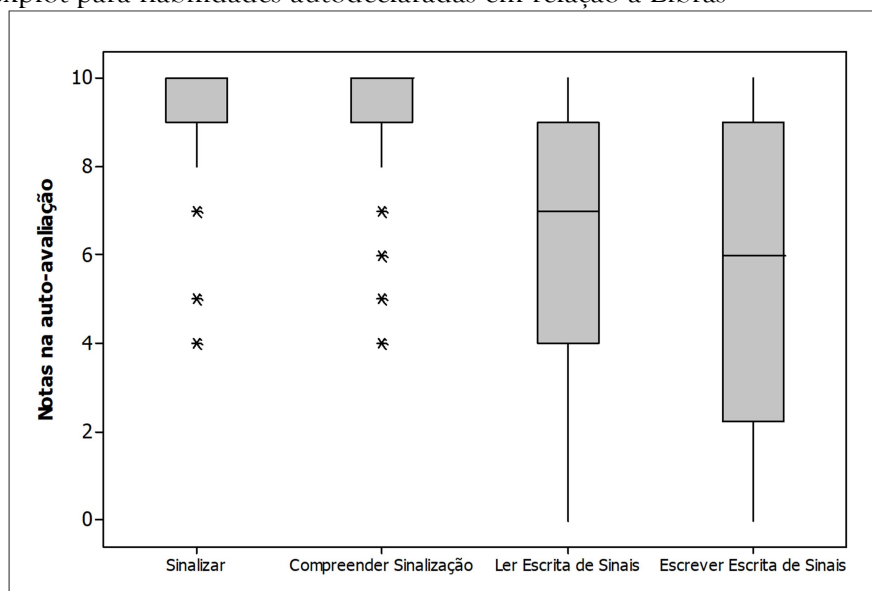


Tabela 9 - Estatística descritiva para autoavaliação das habilidades em Libras

Variável	Média	DP	Mínimo	Q1	Mediana	Q3	Máximo
Sinalizar	9,1	1,3	4	9	10	10	10
Compreender a sinalização	9,2	1,2	4	9	10	10	10
Ler escrita de sinais	6,2	3,3	0	4	7	9	10
Escrever em escrita de sinais	5,6	3,4	0	2,3	6	9	10

⁷⁸ “The continuum of linguistic profiles encountered among deaf bilinguals ranges from mother tongue acquisition of one or both languages, the acquisition of one of the two languages as a second language, a partial acquisition of one or both languages to only a rudimentary acquisition of one or both languages (cf. Plaza-Pust 2005).” (PLAZA-PUST; MORALES-LÓPEZ, 2008, p. 336)

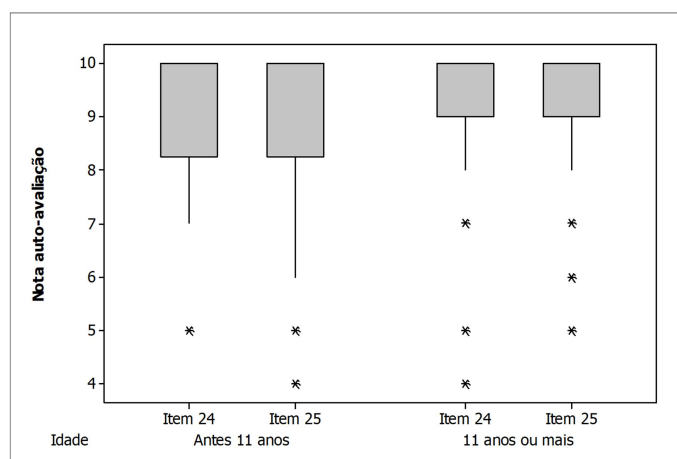
Pela tabela 9, observa-se que a nota média, tanto para sinalizar como para compreender a sinalização, é aproximadamente 9. Ressalta-se ainda que 75% dos participantes se deram nota 9 ou mais nessas duas habilidades, praticamente não havendo diferença entre as habilidades produtiva e receptiva. No tocante às notas na modalidade escrita da LS, 50% dos participantes declararam ter boas habilidades, com notas entre 7 e 10 para ler escrita de sinais e notas entre 6 e 10 para escrever em LS.

A fim de observar a relação entre as habilidades em Libras e variáveis como idade de início de contato e tempo de contato com essa língua, fizemos o cálculo do Coeficiente de Spearman. Pelos resultados, a relação entre idade de início de contato com a LS e nota na habilidade de sinalizar apresenta um coeficiente de $-0,11$ (p -valor = $0,27$), estatisticamente não significativa; a relação entre idade de início de contato com a LS e nota na habilidade de compreender a sinalização apresenta um coeficiente de $-0,01$ (p -valor = $0,95$), também estatisticamente não significativa. Também analisamos a relação entre tempo de contato com a LS e habilidades em Libras: o coeficiente de correlação entre tempo de contato e habilidade de sinalizar é $0,2$ (p -valor = $0,05$), estatisticamente não significativo; já o coeficiente de correlação entre tempo de contato e habilidade de compreender a sinalização é $0,13$ (p -valor = $0,21$), também estatisticamente não significativo. Em síntese, não foram encontradas correlações estatisticamente significativas, sejam moderadas ou fortes, entre idade de início de exposição à LS e habilidades em Libras, nem tampouco entre tempo de contato e habilidades em Libras. A ausência de correlação estatisticamente significativa entre idade de primeira exposição e habilidades em Libras diverge de estudos que apontam o forte impacto do fator idade no desenvolvimento da proficiência linguística, como discutiremos mais a seguir.

4.2.1 Síntese e discussão dos resultados

Em síntese, os participantes desta pesquisa declararam boas habilidades de uso da Libras, com a maioria se atribuindo notas de 9 a 10 para as habilidades de sinalizar e compreender a sinalização. Pela análise de correlação, constatou-se a ausência de correlação estatisticamente significativa entre idade de primeira exposição e habilidades em Libras, o que diverge de estudos que apontam o forte impacto do fator idade no desenvolvimento da proficiência linguística, seja em pesquisas com pessoas surdas (BOUDREAU; MAYBERRY, 2006; MAYBERRY; EICHEN, 1991; MAYBERRY, 2007; MORFORD; MAYBERRY, 2000; QUADROS; CRUZ, 2011) ou com pessoas ouvintes usuárias de L2 (por exemplo, GRANENA; LONG, 2013). Com tal resultado, buscamos verificar se os participantes se autoavaliaram de forma diferenciada, considerando dois grupos – com idade mais precoce e com idade mais tardia de início de exposição à LS, dividindo os participantes pela mediana em: (1) grupo 1 – primeiro contato antes de 11 anos de idade; (2) grupo 2 – primeiro contato com 11 anos ou mais. No gráfico 4, apresentamos a distribuição das notas desses dois grupos.

Gráfico 4 – Notas nas habilidades em Libras cf. a idade de início de contato



Na habilidade de sinalizar (item 24), o grupo 1 apresentou notas ligeiramente maiores ($M=9,17$; $SE = 0,18$) que as notas no grupo 2 ($M=9,08$; $SE = 0,22$). Essa diferença não é estatisticamente significativa ($t = 0,32$; $p = 0,75$). Já na habilidade de compreender a sinalização (item 25), o grupo 1 apresentou notas ligeiramente menores ($M= 9,08$; $SE = 0,19$) que as notas no grupo 2 ($M=9,33$; $SE = 0,17$). Essa diferença não é estatisticamente significativa ($t = -1,02$; $p = 0,31$).

Essa ausência de diferença estatisticamente significativa entre as notas dos dois grupos separados em função da idade de início de exposição à Libras, em contraponto ao impacto do fator idade relatado na literatura, pode indicar que as notas dos respondentes não refletem a proficiência, mas sim certo nível de adesão ao grupo, o que está mais relacionado a questões atitudinais. Tal explicação deriva-se da constatação: (i) do forte impacto do fator idade, que tem sido reportado de forma intensa na literatura em L2 e na literatura sobre aquisição da linguagem por surdos; e (ii) da importância de questões atitudinais na comunidade surda, como minoria linguística, que relaciona mais fortemente língua e identidade. Provavelmente, devido à histórica imposição do português e a importância da LS como símbolo por excelência da comunidade surda, os participantes surdos tenham a tendência a superestimar suas habilidades de uso da Libras, marcando seu pertencimento a este grupo. Tais resultados apontam para a necessidade de outros estudos que possam cotejar notas de autoavaliação com notas em medidas objetivas das habilidades em Libras. Isso se torna ainda mais necessário tendo em vista os fatores complexos que influenciam a aquisição da linguagem por pessoas surdas. Quadros (2017), por exemplo, relata casos de surdos que adquiriram habilidades em LS como nativos, apesar de a terem adquirido depois do suposto período crítico, por terem tido alguma forma de acesso à linguagem em seus primeiros anos de vida, o que evitou, de certa forma a privação linguística⁷⁹.

É digno de comentário também que 50% dos participantes se atribuam notas de 7 ou mais para as habilidades de uso da escrita de sinais. Apesar das notas serem mais baixas do que as notas da modalidade sinalizada, pode-se dizer que um número significativo de participantes declarou ter habilidades de uso da modalidade escrita da Libras, já que é bastante recente o estudo e o uso da escrita de sinais no Brasil. Esse número de participantes com habilidades em escrita de sinais pode ser um reflexo da divulgação dos sistemas de escrita de sinais, nos últimos anos e também, no caso da amostra desta pesquisa, pode estar relacionado aos níveis mais altos de instrução dos participantes, já que tal sistema tem sido bastante divulgado nos meios acadêmicos.

5 Considerações finais

Como se pode confirmar com a síntese sobre a história linguística dos participantes, o contexto biológico e familiar desses surdos torna complexa a aquisição de sua L1 (MAYBERRY, 2007). Tal situação expõe os surdos, especialmente os pré-linguais a riscos de privação linguística que podem ter consequências desastrosas no desenvolvimento global desses indivíduos (MAYBERRY; EICHEN, 1991; GOLDFELD, 2002, entre outros). Considerando tais questões, fazem-se necessárias políticas linguísticas voltadas ao acolhimento da família e das crianças surdas, além da valorização da escola como espaço de contato com usuários de Libras e, conseqüentemente, de aquisição dessa língua, e a reafirmação da importância da educação bilíngue para as pessoas surdas (BRASIL, 2014).

A despeito do Decreto 5626/2005 (BRASIL, 2005), que estabelece que a família deve ser orientada sobre a importância de a criança ser exposta à Libras e ao português, desde o nascimento, até onde vai nosso conhecimento, não há programas difundidos nacionalmente e

⁷⁹ Nesses casos de sucesso de estabelecimento da língua de sinais como língua primária, parece que outras formas de acesso à linguagem se deram nos primeiros anos de vida, por meio da língua oral aprendida clinicamente (pois os surdos não ouvem a língua falada pelos pais) ou até mesmo pelo que é referido como sinais caseiros (língua inventada por um grupo local que configura, de certa forma, uma língua emergente).” (QUADROS, 2017, p.87).

bem estabelecidos voltados ao acolhimento dessas famílias e atendimento precoce às crianças surdas antes da educação infantil. Além disso, tendo em conta os dados apresentados, confirma-se a escola como um importante espaço de exposição à LS, especialmente por meio dos pares surdos. Assim, a proposta de educação bilíngue para surdos assume um papel fundamental no que tange à criação de um ambiente linguístico favorável à aquisição da LS pelas crianças surdas (BRASIL, 2014; QUADROS, 1997a, entre outros).

Tendo em conta os resultados apresentados especialmente na seção sobre os perfis de proficiência dos surdos desta amostra, particularmente a falta de correlação entre as notas das autoavaliações em Libras e variáveis como idade de início de exposição e tempo de exposição à LS, fazem-se necessárias medidas objetivas de proficiência para surdos adultos bilíngues do par Libras-português.

Referências

- ANN, J. 2001. Bilingualism and Language Contact. In: LUCAS, C. (ed.) *The Sociolinguistics of Deaf Communities*. New York: Cambridge University Press, 2001. pp.33-60.
- BIRDSONG, D.; GERTKEN, L.M.; AMENGUAL, M. *Bilingual Language Profile: An Easy-to-Use Instrument to Assess Bilingualism*. COERLL, University of Texas at Austin. Web. 20 Jan. 2012. <<https://sites.la.utexas.edu/bilingual/>>.
- BOTELHO, P. Educação Inclusiva para Surdos: Desmistificando pressupostos. In: I SEMINÁRIO INTERNACIONAL SOCIEDADE INCLUSIVA, 1999, Belo Horizonte. *Anais do I Seminário Internacional Sociedade Inclusiva*. Belo Horizonte: PUC Minas Gerais, 1999. pp. 1-5.
- BOUDREAU, P.; MAYBERRY, R. I. Grammatical processing in American Sign Language: Age of first-language acquisition effects in relation to syntactic structure. *Language and Cognitive Processes*, v. 21, n. 5, pp. 608-635, 2006.
- BRASIL. Decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005. In: BRASIL. *Presidência da República*. Presidência da República Federativa do Brasil. 2005.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Alfabetização e Diversidade. *Relatório sobre a Política Linguística de Educação Bilíngue - Língua Brasileira de Sinais e Língua Portuguesa* do Grupo de Trabalho, designado pelas Portarias nº 1.060/2013 e nº 91/2013 do MEC/SECADI. Brasília, fevereiro de 2014. Disponível em: <<http://www.bibliotecadigital.unicamp.br/document/?code=56513>>.
- CAPOVILLA, F. C. Principais achados e implicações do maior programa do mundo em avaliação do desenvolvimento de competências linguísticas de surdos. In: SENNYEY, A. L.; CAPOVILLA, F. C.; MONTIEL, J. M. (Org.), *Transornos de aprendizagem: da avaliação à reabilitação*. São Paulo, SP: Artes Médicas, 2008, pp. 151-163.
- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. Parte 1: *SignWriting*: como escrever a articulação visível dos sinais da Libras. In: CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D.; MAURICIO, A. C. *Novo Deit-Libras: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira (Libras) baseado em Linguística e Neurociências Cognitivas*. 2 ed. rev. e ampl. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Inep: CNPq: Capes: Obeduc, 2012. Vol. 1, pp. 168-171.
- CAPOVILLA, F. C.; CAPOVILLA, A. G. S.; MACEDO, E. C. (Tele)avaliando o desenvolvimento da competência de leitura em ouvintes e surdos de escolas especiais e comuns: o estado da arte. In: MIOTTO, E. C.; LUCIA, M. C. S.; SCAFF, M. (Org.), *Neuropsicologia e as interfaces com as neurociências*. São Paulo, SP: HCUSP, 2007, pp. 229-240.
- CARNEIRO, L. T. Produção lexical de duas crianças usuárias de implante coclear. *ReVEL*. v. 9, n. 17, pp. 289-304, 2011.

- COSTELLO, B.; FERNÁNDEZ, J.; LANDA, A. O sinalizante nativo não-(existente): pesquisa em língua de sinais em uma pequena população surda. In: *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais - Coletânea de trabalhos apresentados em "9 Theoretical Issues In Sign Language Research Conference"*. Florianópolis (SC), Brasil, 2006. pp. 351-366.
- CRUZ, C.; PIZZIO, A.; QUADROS, R. Avaliação da discriminação fonêmica do português brasileiro e da Língua de Sinais Brasileira em crianças ouvintes bilíngues bimodais e em crianças surdas usuárias de implante coclear. *Revista da ABRALIN*. v. 14, n.1, jan./jun., pp. 337-360, 2015. Disponível em: <http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs/index.php/abralin/article/view/42824/25976>. Acesso em: 02 jul. 2016.
- DAVIDSON, K; LILLO-MARTIN, D.; CHEN PICHLER, D. Spoken English Language Development in Native Signing Children with Cochlear Implants, *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*. v. 19, n. 2, pp. 238-250, 2013.
- DELGADO-PINHEIRO, E. M. C.; ANTONIO, F. de L.; BERTI, L. C. Perfil audiológico e habilidades auditivas em crianças e adolescentes com perda auditiva. *Estudos Linguísticos*, São Paulo, 39 (1): pp. 10-20, mai.-ago. 2010.
- EMMOREY, K.; BORINSTEIN, H. B.; THOMPSON, R.; GOLLAN, T. H. Bimodal bilingualism. *Bilingualism: Language and Cognition*, vol. 11, n. 01, pp. 43 - 61, mar. 2008.
- FERNANDES, S. É possível ser surdo em português? Língua de sinais e escrita: em busca de uma aproximação. In: SKLIAR, C. (org.). *Atualidade da Educação Bilíngüe para Surdos*. 2ª ed. Porto Alegre: Mediação, 1999, v. 2, pp. 59-81.
- GRANENA, G.; LONG, M. H. Age of onset, length of residence, aptitude and ultimate L2 attainment in three linguistic domains. *Second Language Research*, 29(3), pp. 311-343, 2013.
- GOLDFELD, M. *A criança surda: linguagem e cognição numa perspectiva sociointeracionista*. São Paulo: Plexus Editora, 2002.
- GROSJEAN, F. The bilingual and the bicultural person in the hearing and in the deaf world. *Sign Language Studies*, vol. 77, pp. 307-320, 1992.
- GROSJEAN, F. Studying bilinguals: metodological and conceptual issues. *Bilingualism: Language and Cognition*, v.1, n. 2, pp. 131-149, 1998.
- GROSJEAN, F. *Studying Bilinguals*. Oxford/ New York: Oxford University Press, 2008.
- GROSJEAN, F. Bilingualism: A Short Introduction. In: GROSJEAN, F.; LI, P. (eds). *The Psycholinguistics of Bilingualism*. Malden, MA: Willey-Blackwell, Inc., 2013. pp. 5-25.
- HOFFMEISTER, R. J. A Piece of the Puzzle: ASL and comprehension in Deaf Children. In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. R. (Ed.) *Language Acquisition by Eye*. Mahwah, N.J: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. Cap. 9, pp. 143-163.
- LUK, G.; BIALYSTOK, E. Bilingualism is not a categorical variable: Interaction between language proficiency and usage. *Journal of Cognitive Psychology*, 25(5), pp. 605-621, 2013.
- MAYBERRY, R. I. When timing is everything: Age of first-language acquisition effects on second-language learning. *Applied Psycholinguistics*, v. 28, pp. 537-549, 2007.
- MAYBERRY, R. I.; EICHEN, E. B. The long-lasting advantage of learning sign language in childhood: Another look at the critical period for language acquisition. *Journal of Memory and Language*, 30, pp. 486-512, 1991.
- MORALES-LÓPEZ, E.; ALIAGA-EMETRIO, D.; ALONSO-RODRÍGUEZ, J. A.; BOLDÚ-MENASANCH, R. M.; GARRUSTA-RIBES, J.; GRASS-FERRER, V. Deaf People in Bilingual Speaking Communities: The Case of Deaf People in Barcelona. In: LUCAS, C. (ed.) *Turn-Taking, Fingerspelling, and Contact in Signed Languages*. Washington, D.C.: Gallaudet University Press, 2002. pp. 107-155.
- MORFORD, J.; MAYBERRY, R. I. A Reexamination of "Early Exposure" and Its Implications for Language Acquisition by Eye. In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. R.

- (Ed.) *Language Acquisition by Eye*. Mahwah, N.J.: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. Cap. 7, pp. 111-127.
- MUSSELMAN, C. How do Children Who Can't Hear Learn to Read an Alphabetic Script? A Review of the Literature on Reading and Deafness. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, Oxford (UK), 5, pp. 11-31, 2000.
- ORMEL, E.; GIEZEN, M. Bimodal Bilingualism Cross-Language Interaction: Pieces of the Puzzle. In: MARSCHARK, M.; KNOORS, H.; TANG, G. *Bilingualism and Bilingual Deaf Education*. Oxford University Press, 2014. pp.74-101.
- PASSOS, R. *Construindo Categorias Sonoras: o vozeamento de consoantes obstruintes em surdos profundos usuários de língua de sinais (LIBRAS)*. 2009. 155 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2009.
- PLAZA-PUST, C. Deaf education and bilingualism. In: PFAU, R.; STEINBACH, M.; WOLL, B. (Eds.). *Sign Language: An International Handbook*. Berlin, Germany: De Gruyter Mouton, 2012. pp. 949-979
- PLAZA-PUST, C. Language Development and Language Interaction in Sign Bilingual Language Acquisition. In: MARSCHARK, M.; TANG, G; KNOORS, H. (Eds.). *Bilingualism and Bilingual Deaf Education*. Oxford University Press, 2014. pp.23-53.
- PLAZA-PUST, C.; MORALES-LÓPEZ, E. Sign bilingualism: Language development, interaction, and maintenance in sign language contact situations. In: PLAZA-PUST, C.; MORALES-LÓPEZ, E. (Eds.). *Sign bilingualism: Language development, interaction, and maintenance in sign language contact situations*. Amsterdam: Benjamins, 2008, pp. 333-379.
- QUADROS, R. M. de. *Educação de surdos: a aquisição da linguagem*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1997a.
- QUADROS, R. M. de. Aquisição de L1 e L2: o contexto da pessoa surda. In: *Seminário Desafios e Possibilidades na Educação Bilíngue para Surdos, jul. 1997, Rio de Janeiro. Anais*. Rio de Janeiro: INES, Divisão de Estudos e Pesquisas - Rio de Janeiro: Ed. Littera Maciel Ltda, 1997b, pp.70-87.
- QUADROS, R. M. de. *Língua de Herança: Língua Brasileira de Sinais*. Porto Alegre: Penso Editora Ltda, 2017.
- QUADROS, R. M.; CRUZ, C. R. *Língua de Sinais: Instrumentos de Avaliação*. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- SILVA, G. M. *Lendo e Sinalizando Textos: uma análise etnográfica das práticas de leitura em português de uma turma de alunos surdos*. 2010. 222f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2010.
- SILVA, G. M. *Perfis Linguísticos de Surdos Bilíngues do Par Libras-Português*. 2018. 216 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) - Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018a.
- SILVA, G. M. Questionário Linguístico para Surdos Bilíngues (QLSB): uma proposta para a avaliação de perfis de bilíngues surdos. *Revista (Con)Textos Linguísticos*, v.12, n.3. Vitória, pp. 68-87, 2018b.
- SILVA, S. G. de L. da. *Compreensão Leitora em Segunda Língua de Surdos Sinalizantes da Língua de Sinais: um estudo comparativo entre estudantes de uma educação em ambiente bilíngue e não bilíngue*. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2016.
- SKLIAR, C. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In: SKLIAR,C.(org.). *Educação e Exclusão: abordagens sócio-antropológicas em educação especial*. Porto Alegre: Mediação, 1997. pp. 75-110.
- STOKOE, W. C. Sign Language Structure: An Outline of the Visual Communication Systems of the American Deaf. *Journal of Deaf Studies and Deaf Education*, v. 10, n.1, pp. 3-37, [1960] 2005.

STRONG, M.; PRINZ, P. Is American Sign Language Skill Related to English Literacy? In: CHAMBERLAIN, C.; MORFORD, J. P.; MAYBERRY, R. R. (Ed.) *Language Acquisition by Eye*. Mahwah, N.J: Lawrence Erlbaum Associates, 2000. Cap. 8, pp.131-141.

WILSON, R.; DEWAELE, J. M. The use of web questionnaires in second language acquisition and bilingualism research. *Second Language Research*, v. 26, n. 1, pp. 103-123, 2010.

Recebido em: 30/09/19

Aceito em: 07/11/19